



Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico:

A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs¹

Esther Jean Langdon

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

Na reconfiguração do pensamento social contemporâneo (Geertz 1998), o campo da performance se apresenta como espaço interdisciplinar importante para a compreensão dos gêneros de ação simbólica. A antropologia da performance, que surge nas interfaces de estudos do ritual, do teatro e da interação social, amplia questões clássicas do primeiro para tratar de um conjunto de gêneros performativos encontrados em todas as sociedades do mundo globalizado, incluindo ritual, teatro, música, dança, festas, narrativas, esportes, movimentos sociais e políticos e encenações da vida cotidiana. Na antropologia, “performance” surgiu no cenário internacional na década de 1970, e Richard Bauman teve um papel altamente importante no seu desenvolvimento nos Estados Unidos partindo dos estudos de folclore, sociolinguística e antropologia. Em 1975, ele definiu o campo no artigo “Verbal Art as Performance”, e em 1977 publicou o livro do mesmo título, estabelecendo as preocupações com a estética e a poética como centrais ao campo e apontando para suas linhas de investigação. O livro também contém vários exemplos de pesquisas desenvolvidas por seus colegas e por alunos de Dell Hymes, que os inspirou. Na década seguinte, Bauman inicia sua colaboração com Charles Briggs, parceria que continua até hoje (Briggs e Bauman, 1992, Bauman e Briggs, 2003). O artigo traduzido neste volume (Bauman e Briggs, 1990), teve um papel fundamental em estabelecer os estudos

de arte verbal como parte do movimento teórico contemporâneo da interdisciplinaridade e da abordagem crítica em diálogo com a antropologia.

No Brasil, os estudos de performance na antropologia cresceram significativamente a partir do início da década de 90, impulsionados em grande parte pelo retorno de pesquisadores de seus estágios de formação no exterior. A atual importância do tema é verificada pelo número crescente de núcleos de pesquisa que tem a performance como foco. Incorporando aspectos das teorias e preocupações antropológicas, há núcleos consolidados na Universidade de Brasília, Universidade Estadual de Campinas, Universidade de São Paulo e Universidade Federal de Santa Catarina². Houve também um crescimento nos seminários, mesas redondas, grupos de trabalho e apresentações de trabalhos sobre performance em eventos realizados no país nos últimos cinco anos. Por exemplo, em 2006, na 25^a Reunião Brasileira de Antropologia, foram realizados uma mesa redonda, cinco Grupos de Trabalho e mais cinco de Comunicações Coordenadas dedicados ao tema “performance”. Os tópicos em debate incluíram música, dança, rito, festas, protestos políticos, funerais, motins, identidade, corporalidade e futebol (ABA 2006). Em 2005 e 2006 o GT “Performance, Drama e Sociedade” de ANPOCS recebeu mais que oitenta propostas de apresentação e em 2007 o tema foi selecionado para uma mesa redonda. No mesmo ano, uma mesa redonda também foi realizada na reunião da ABANNE.

Finalmente, as publicações dedicadas ao tema também têm se multiplicadas. Em 2005, a Revista *Horizontes Antropológicos* dedicou uma edição temática, organizada por Elizabeth Lucas, à “Antropologia e Performance”. Em 2007, foi publicado o livro *Donos da Palavra: autoria, performance e experiência em narrativas orais na América do Sul*, resultado da colaboração entre pesquisadores argentinos e brasileiros (Fischman e Hartmann, 2007). Há também uma crescente produção de teses e dissertações nesta área (Bustos, 2006; Dutra 1998; Hartmann, 2000, 2004; Neves, 2005; Pacheco, 2004; Pellegrini, 2008; Silva 2008; Spaloense 2006; Wawzyniak 1995), assim como um crescente diálogo com temáticas e questões teóricas afins (Lopes, 2006; Head, 2006, no prelo; Cardoso, 2006, 2007a,b)

Através de uma pesquisa apoiada pelo CNPq, eu e a professora Luciana Hartmann (1999, 2002, 2005, 2006), do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Maria, realizamos uma pesquisa visando identificar as abordagens teórico-metodológicas da noção de performance nos estudos antropológicos brasileiros entre 2005 e 2006. Descobrimos que há uma diversidade de conceitos que vêm sendo utilizados neste campo interdisciplinar e que os teóricos mais influentes no Brasil são Victor Turner (1982, 1988) e seu colaborador Richard Schechner (1988, 1993, 2002), mas W. Benjamin (1985), John Austin (1975), Stanley Tambiah (1985, 1996) também são citados com frequência. A pesquisa indicou ainda a necessidade de desenvolvimento de um diálogo mais teórico e analítico (Peirano 2006). Em geral, os grupos de trabalho nos congressos se caracterizam por apresentações de estudos de caso e os diversos usos demandam uma discussão analítica e etnográfica sobre seus sentidos e implicações. Em geral, os usos dos termos “performativo” e “performance” no Brasil têm conotações variadas, dependendo do pesquisador e de como os emprega. Neste sentido, percebemos que existem vários paradigmas de performance, e não um só. Assim, é pertinente neste momento a divulgação em português do artigo “Poetics and Performance as Critical Perspectives on Language and Social Life”, publicado originalmente em 1990. Neste artigo, Bauman e Briggs apontam também para os significados múltiplos do conceito e criticam o uso de “Performance” com um termo único ou como jargão, desprovido de sua complexidade de influências crítico-teóricas

Além disto, identificamos uma ausência nas discussões e na literatura brasileiras de pesquisas orientadas pela vertente analítica representado pela linha de Bauman e Briggs. Este fato é surpreendente, considerando que vários estudos de sociolinguística e performance foram realizados entre os povos indígenas das Américas e particularmente entre os povos amazônicos. Os povos amazônicos se caracterizam pela importância dada às formas de fala, da estética e à performatividade dos ritos e das festas na constituição da pessoa e da sociedade (Langdon, 2007a,b; Sammons e Sherzer, 2000). Os antropólogos norte-americanos pesquisando estes assuntos são

conhecidos na etnologia brasileira, tais como Ellen Basso, Laura Graham, Greg Urban e Suzanne Oakdale, entre outros, porém, na língua portuguesa existem poucas publicações dedicadas às tendências teóricas de performance que se enquadram na linha representada por Bauman e Briggs hoje.³

No intuito de estimular um diálogo analítico com os teóricos que encontramos nos trabalhos dos brasileiros e norte-americanos e ampliar a discussão do conceito de performance, publicamos a tradução deste trabalho seminal. Como apresentação, pretendo historiar o desenvolvimento deste artigo e sua importância e também apresentar um resumo de artigos brasileiros e internacionais relevantes para uma discussão mais ampla do conceito de performance e uma avaliação de sua utilidade frente às teorias antropológicas contemporâneas. No final deste trabalho, resumo o que considero as características compartilhadas pelos vários paradigmas de performance que orientam as pesquisas atuais no Brasil. Creio que essas estabelecem seu valor conceitual, apesar da diversidade dos usos específicos do termo. Isto porque o próprio conceito de performance surgiu como consequência das preocupações teóricas atuais, indo além das teorias de antropologia simbólica clássica desenvolvidas nas décadas de 1960 e 1970, representadas principalmente pelos estudos e teorias do rito de V. Turner, C. Geertz e Lévi-Strauss.

A antropologia da performance norte-americana surgiu, em parte, da sociolinguística ou etnografia da fala e da preocupação com o papel da linguagem na vida social. Richard Bauman (1977; Bauman e Sherzer 1974), junto com Gary Gossen (1974), Dell Hymes (1981), Dennis Tedlock (1972), Joel Sherzer (1982, 1990), Charles Briggs (1985, 1988) e outros, construíram este campo a partir dos anos 70 do século passado, com enfoque na interação social em comunicação e no caráter *emergente* dos eventos performáticos. Em seu primeiro livro, Bauman (1977) definiu performance como um evento comunicativo no qual a função poética é dominante, sendo que a experiência invocada pela performance é consequência dos mecanismos poéticos e estéticos produzidos através de vários meios comunicativos simultâneos. A realização de uma performance produz uma sensação de

estranhamento em relação ao cotidiano, suscitando no espectador um olhar não-cotidiano e criando momentos nos quais a experiência está em relevo (Jakobson, 1960). Vários autores influenciados por esta linha têm se preocupado não só com a análise dos aspectos estéticos, mas também com as estratégias de registro dos eventos orais em textos fixos que possam refletir fielmente a poética do evento vivo, incluindo aspectos não-verbais. (Fine, 1980; Tedlock, 1983a; Sammons e Sherzer, 2000; Sherzer e Woodbury, 1987; Langdon, 1999).

Abordagem de Bauman e Briggs - A Primeira Fase: As diferenças entre esta abordagem e a de Turner e de outros se encontram no enfoque e nos objetivos da análise, e não na diferença dos princípios e conceitos centrais, se pensarmos que a análise geral da performance na antropologia trata da relação cultura-sociedade-performance. A perspectiva de Bauman surgiu inicialmente da preocupação em identificar os gêneros particulares de performance de um grupo e de *como* as pessoas os constroem e produzem. Assim, os trabalhos pioneiros desta abordagem partiram da identificação dos etno-gêneros de fala reconhecidos pelo grupo, das suas características e da descrição da construção do evento nos seus contextos específicos (Gossen, 1974; Sherzer 1990).

A performance é um evento situado num contexto particular, construído pelos participantes. Há papéis e maneiras de falar e agir. Performance é um ato de comunicação, mas como categoria distingue-se dos outros atos de fala principalmente por sua função expressiva ou “poética”, seguindo a definição de Jakobson (1960). A função poética ressalta o *modo* de expressar a mensagem e não o conteúdo da mensagem. Assim como Bakhtin (1968) dirige sua atenção para *como* o romance é construído, os estudos desta abordagem dirigem seu interesse para *como* performances são construídas pelos participantes do evento, examinando o evento artístico (a situação de performance) e o ato artístico (a realização do evento por parte do(s) performer(s)).

Nem todos os atos de comunicação são performances no sentido “performático” apontado aqui, porém a fronteira entre performance e

outros gêneros de eventos não é sempre clara. A performance, como já foi dito, distingue-se primariamente por uma situação onde a função poética é dominante no evento de comunicação. A experiência é um elemento importante invocado pela performance e é uma consequência dos mecanismos poéticos e estéticos, sendo expressados simultaneamente através de vários meios comunicativos (Sullivan, 1986). Os estudos de performance se concentram em eventos demarcados no tempo, tais como os tratado pela análise ritual e as performances culturais de M. Singer (1972). O que difere os estudos de performance dos estudos clássicos do rito não são os eventos a ser analisados mas uma alteração no direcionamento do olhar. Enquanto as análises mais clássicas do rito resultaram principalmente em interpretações do conteúdo semântico dos símbolos, as de performance chamam atenção para o temporário, o emergente, a poética, a negociação de expectativas e a sensação de estranhamento do cotidiano (Schieffelin, 1985).⁴ “Causar estranhamento”, suscitando um olhar não-cotidiano, e produzir momentos onde a experiência está em relevo, também são características dos atos performáticos segundo a abordagem de Bauman e Briggs (Bauman, 1977; Bauman and Briggs, 1990).

Especificamente, os elementos essenciais da performance, segundo Bauman (1977), são:

1. *Display* ou a exibição do comportamento frente aos outros.
2. A *responsabilidade de competência* assumida pelos atores. Estes devem exibir o talento e a técnica de falar e agir em maneiras apropriadas.
3. A *avaliação* por parte dos participantes. Se foi uma boa performance ou não.
4. *Experiência* em relevo - as qualidades expressivas, emotivas, e sensoriais se constituem a **experiência emergente**. Assim, o ato de expressão e os atores são percebidos com uma intensidade especial, onde as emoções e os prazeres suscitados pela performance são essenciais para a experiência.

5. *Keying* ou sinalização como metacomunicação - atos performáticos são momentos de ruptura do fluxo normal de comunicação, são momentos sinalizados (ou *keyed*) para estabelecer o evento da performance, para chamar atenção dos participantes à performance. A sinalização focaliza o evento e indica como interpretar a mensagem a ser comunicada (Bateson, 1998). Servindo como metalinguagem, indica como interpretar a mensagem e estabelece um conjunto de expectativas sobre os atos a seguir. Os ritos têm invocações que marcam o início da ação. No cotidiano há momentos de performance também, que comunicam para o grupo (ou o espectador) o que esperar no momento performático. Talvez os mais conhecidos entre nós, apesar de não serem sempre conscientes, sejam os eventos onde se contam piadas. Uma pessoa, assumindo a responsabilidade de divertir os outros, introduz no fluxo do discurso uma fórmula verbal que chama a atenção de todos para escutar - "Você sabe a do Português...". Escutando a abertura da piada, os participantes do grupo param seu discurso normal e entram na interação do evento da piada - o contador ocupa o centro da atenção, os outros escutam, esperando ser agradados com uma surpresa engraçada no final. Em culturas tribais, onde a literatura oral ainda é um recurso de divertimento e prazer, há aberturas verbais específicas que preparam as pessoas presentes para a narração performática. Na nossa tradição, "Era uma vez ..." é tal abertura que indica para os participantes como interpretar e prosseguir com a interação. Os índios Siona, com os quais venho trabalhando desde a década de 70, abrem suas performances orais de mitos e narrativas com um tempo verbal especial e utilizam vários elementos de paralelismo no texto, não característicos da fala cotidiana.

O local, ou o período do dia ou do ano, podem ser outros sinais do evento performático, determinando o que é esperado e permitido. No teatro, o palco é um dos mecanismos que estabelece as expectativas. Piadas podem ser contadas em várias situações, mas há lugares e momentos onde é totalmente impensável fazê-lo. O momento da performance de narrativas dos índios Siona é de manhã, quando toda

a família está em casa, sentada, fazendo cestas. À noite, a casa de *Yagé* estabelece a performance do ritual xamânico.

Os atos performáticos são estruturados de várias maneiras e podemos mencionar algumas delas. Uma vez sinalizado, há regras básicas para o tipo de performance que está sendo realizado - a seqüência da ação (na piada, por exemplo, só se ri no final), modos de falar, movimentar e interagir que são específicos à situação. A participação também é socialmente construída - os papéis que os participantes assumem (ator, platéia, etc.) e quem tem direito de ocupar um papel específico. Em algumas sociedades, as narrativas têm donos e só eles podem contá-las (Malinowski, 1978). Em outras, o papel de narrador é formal, nem todos podem assumir a autoridade de contar. Em outros contextos ainda, os atores são figuras marginais ou liminais, tais como os palhaços nas cortes da Europa.

Segundo o conceito elaborado acima, performance é uma categoria universal, no sentido de que corresponde a eventos que acontecem em todas as culturas e que todas as sociedades humanas têm vários gêneros de performance, especificamente marcados pela função poética, e que exibem as características descritas acima. As formas dos atos performáticos são variadas e diversas, construídas em contextos culturais específicos. A análise performática procura descobrir quais são os gêneros reconhecidos e realizados pelos membros de um grupo, como estes gêneros são estruturados nos atos performáticos e como seus significados emergem da interação.

A segunda fase: Ao final da década de 1970, a antropologia entrou numa fase de reflexão crítica, em que seus conceitos, pressupostos, métodos e textos foram questionados. "Cultura", nosso conceito chave, deu lugar a uma visão do mundo como fragmentado e a uma abordagem crítica. As transformações nos campos dos estudos literários, estudos feministas, história social e outros, impactaram a antropologia, e esta começou a lidar com um mundo pós-moderno e pós-colonial, o qual é caracterizado pelo imprevisto ou indeterminado, a heterogeneidade, a polifonia de vozes, as relações de poder, a subjetividade e a transformação contínua. Estas características não são limitadas às sociedades complexas, mas fazem parte de toda a interação

social, inclusive nas sociedades ágrafas. Em 1984, Sherry Ortner publicou um artigo importante, avaliando as novas direções analíticas na antropologia desde os anos 60, época em que os estudos de ritos foram orientados pela antropologia simbólica representada por C. Geertz e V. Turner. Neste artigo, Ortner, ex-aluna de Geertz, aponta para dois conjuntos de termos analíticos e inter-relacionados que representam as orientações destas novas tendências. O primeiro trata da prática: práxis, ação, interação, atividade, experiência e *performance*, e se relaciona com um outro conjunto que trata daquele que realiza estas ações: ator, agência, pessoa, *self*, indivíduo e subjetividade (Ortner, 1994: 388). No campo de lingüística antropológica, ela reconhece que a abordagem de performance de Bauman e de seus pares foi resultado da rejeição da noção de estrutura e de modelos estáticos em favor do estudo da linguagem em ação.

Na primeira fase, as publicações desta orientação teórica se concentraram em grande parte nos problemas metodológicos e analíticos relacionados a como captar, na interação, a complexidade do caráter poético, multisensorial, emergente e intenso do evento que conduz a experiência vivida. O texto traduzido aqui, apresentado em forma de resenha, delinea os possíveis caminhos para uma abordagem crítica de performance à luz dos movimentos teóricos atuais na antropologia. O campo de performance, na atualidade, visa examinar criticamente os eventos performáticos como arenas reflexivas de recursos estilísticos heterogêneos, significados contextualizados e ideologias conflitantes (Bauman e Briggs, 1990). Somando-se ao interesse na oralidade, eventos tais como festas, manifestações políticas, encontros interétnicos, espetáculos, festivais e outras performances culturais são examinados como eventos que surgem em momentos de crises, renovação e mudança frente um mundo pós-colonial e globalizado (Ferreira 1992; Manheim e Tedlock, 1996; Oakdale, 2005). Caracterizados por sua dialogicidade, contextualização e intertextualidade, esses eventos são analisados como expressões e negociações de poder, enquanto questões como a reinvenção das tradições aparecem relacionadas à subjetividade, contexto, práxis e globalização (Bauman e Briggs, 1990; Briggs e Bauman, 1992; Briggs, 1996).

Bauman e Briggs argumentam que os estudos de poética e de performance fazem parte da perspectiva crítica da antropologia contemporânea. Para eles, os conceitos de dialogicidade e gêneros de fala de Bakhtin (1980), relativos às práticas discursivas características de grupos particulares, remetem aos aspectos políticos das performances. Por exemplo, estudos das performances de história oral dos índios de Brasil têm demonstrado que a etnohistória é composta de eventos críticos que revelam formas históricas de consciência e estratégias performáticas utilizadas pelos atores entre si para representar emoções e formular motivações (Basso, 1986; Langdon, 2007a,b; Oakdale, 2004, 2005;). Estes eventos críticos são “centrados na fala”, no sentido de que são apresentados como diálogos, valendo-se da fala direta como um mecanismo para ressaltar as interações comunicativas e revelar pontos de vista diferentes, agência emocional, motivações e fins específicos, além de mudanças na subjetividade.

Outro exemplo da contribuição atual da abordagem crítica de performance na etnologia indígena trata dos estudos preocupados com a relação entre povos indígenas e a sociedade envolvente e com as políticas de etnicidade (Ramos, 1988, Briggs, 1996, T. Turner, 1993), situações nas quais a inserção da linguagem e da performance em novos contextos de diálogo promete ser bastante fecunda (Kroskrity, 2000; Mannheim e Tedlock, 1996; Godenzzi, 2006; Pelegrini, 2008). Segundo a perspectiva mais ampla da performance, ou seja, de eventos que podem ser caracterizados como performances culturais (Singer, 1972) ou eventos críticos (Tambiah, 1996), estes estudos se enquadram no interesse atual da políticas culturais, campo interdisciplinar entre antropologia, estudos culturais, comunicação e outros (Sommer, 2006; Mannheim e Tedlock, 1996). As teses e publicações de análises de festas, festivais, espetáculos, movimentos políticos, etc., como expressões de identidade, valores, resistência e reinvenção de tradições, têm sido tão numerosas nos últimos anos que qualquer bibliografia do assunto seria imensa. Junto a L. Hartmann estamos realizando uma compilação destas produções bibliográficas nos últimos cinco anos como parte de nossa pesquisa teórica sobre o conceito de performance no Brasil.

Na etnologia indígena, o enfoque performativo examina a identidade indígena de modo intenso, exposto e ostentado publicamente através das artes performáticas e dos eventos rituais e políticos, com a utilização de multimídias e freqüentemente envolvendo a mídia para sua divulgação. Exemplos importantes são o uso de novas tecnologias para a recriação de tradições e expressão da identidade para a sociedade mais ampla (T. Turner, 1994, 2002; Conklin, 1997; Gallois e Carelli, 1998). Outros têm focado o uso do rito e sua relação com movimentos de afirmação étnica e etnogênese em situações conflituosas (Andrade, 2002; Barbosa, 2003; Grünewald, 2005; Neves 2005).

Vários trabalhos na etnologia indígena vêm analisando a identidade e representação da cultura em situações de contato através de uma perspectiva política (Gallois, 2002; Graham, 1993, 2002, 2005; Oakdale, 2004; Szeminski, 1997). Outros têm enfatizado o surgimento de novas formas de fala como resultado de novas situações criadas pela interação com o Estado. Dentre estes, podemos citar como exemplos Corr (2004), Morin (1992) e Hendricks (1991), que tratam dos novos contextos e discursos das organizações indígenas, e Herron (1998), que analisa a mediação do Estado através de seus discursos em encontros locais. As preocupações atuais com a educação diferenciada têm estimulado vários trabalhos que examinam o papel do professor indígena e da linguagem (Tinoco, 2000; Hirsch, 2003), da relação entre oralidade e escrita (Ferreira, 1992; Gnerre, 2000) e da história oral (Macedo e Farage, 2001). Porém, o diálogo de contato e os novos contextos criados pelas políticas públicas e movimentos interculturais (tais como o movimento ecológico) ainda são temas emergentes a serem aprofundados (ver Ferreira (2004) e Pellegrini (2008), para um exemplo do uso de gêneros de fala em intervenção de saúde).

Considerações finais

Neste trabalho, tentei fazer um levantamento das preocupações analíticas do paradigma de performance que surgiram dos campos da sociolinguística e do folclore. Na primeira fase, os esforços destes estudos enfatizaram a produção dos eventos de performance, a emergência do sentido através da estética e dos meios multimidiáticos e a

experiência em relevo através da participação expectante. Não abandonando estas preocupações, Bauman e Briggs fazem um movimento similar ao de V. Turner no sentido de se voltarem para os aspectos emergentes dos eventos de performance no mundo heterogêneo e globalizado, procurando examinar particularmente a emergência da cultura em eventos que chamamos “multiculturais”. Assim, seguindo um movimento mais geral na antropologia, a multivocalidade, a dialogicidade e as negociações de atores com diversos interesses e poderes se tornam o centro da análise, com menor atenção sobre a colaboração participativa que caracterizou estes estudos nas décadas de 1960 e 1970.⁵ Isto resultou num deslocamento da preocupação com padrões normativos e conteúdos simbólicos para a emergência dos significados na interação social, inclusive em situações específicas que envolvem atores e interesses bastante heterogêneos. As análises atuais, por sua vez, vislumbram estruturas sistêmicas maiores nas quais as performances têm um papel constituinte (Bauman e Briggs, 1990:80; Bauman, 2000). Nesta perspectiva, as negociações do poder se realizam através da poética e da política do discurso.

Um segundo aspecto da perspectiva crítica da linguagem e da vida social trata da relação entre a linguagem e as representações dos outros (os “nativos”). Enquanto esta relação pode ser analisada no discurso das comunidades pesquisadas, também deve ser a base para uma reflexão crítica sobre a poética e a política da escrita etnográfica (Bauman e Briggs, 2003). Da mesma forma, os estudos da performance fazem uma contribuição para o desenvolvimento da antropologia dialógica através das preocupações sobre como captar em textos fixos os mecanismos poéticos das performances orais (Langdon, 1999) e do desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre o papel do antropólogo nos eventos performáticos (Tedlock, 1983a, 1986). O paradigma da performance reconhece que o antropólogo em campo está imerso na política da interação comunicativa e, assim, demanda uma constante reflexão sobre como nos posicionamos, seja na relação com nossos colaboradores, na representação de suas falas e textos, e na escrita geral dos textos etnográficos (Evers e Toelken, 2001; McDowell, 2000; Langdon, 1997, 2006; 2007a,b; Pereira, 2001).

Finalmente, gostaria de apontar cinco qualidades inter-relacionadas, que para mim, são compartilhadas pelas abordagens de performance, e que, de fato, formam um eixo dos diversos usos do termo de performance.

Experiência em relevo: Performance se trata de experiência realçada, pública, momentânea e espontânea. Em seu livro clássico, Bauman define a experiência em relevo como um evento artístico que envolve o ator (*performer*), a forma artística, a platéia e o contexto para criar uma experiência emergente (1977: 44). Turner (2005) e Schechner (1992) a definem como um comportamento intensificado, que é público e que inclui as artes performáticas, a política, a medicina e a religião. Para eles, a performance é um tipo de evento situado, em que o foco está na expressão estética e não no sentido literal.

Participação expectante: Esta qualidade trata da participação plena de todos presentes no evento para criar a experiência. Não trata puramente de ação normativa, nem de uma leitura semântica dos símbolos, mas de uma interação na qual o significado emerge do contexto (Schieffelin, 1985). O contexto se torna essencial para entender o sentido do evento e as interações entre os participantes produzem uma força retórica (Bloch, 1975; Csordas, 1983; Laderman e Roseman, 1996) que transforma a experiência dos participantes, ainda que apenas momentaneamente.

Experiência Multisensorial: Indo além dos limites da análise semântica do rito, a experiência de performance se localiza na sinestesia, ou seja, na experiência simultânea dos vários receptores sensoriais recebendo os ritmos, as luzes, os cheiros, a música, os sons em geral e o movimento corporal. A recepção simultânea de vários recursos cria uma experiência unificada (Basso, 1985; Schieffelin, 1985; Sullivan, 1986), uma experiência emotiva, expressiva e sensorial.

Engajamento corporal, sensorial e emocional: Como é característico na antropológica contemporânea, tanto quanto em outros campos intelectuais atuais, o paradigma do corpo e “embodiment” (corporificação) (Csordas, 1990) também faz parte das análises de performance, como demonstram particularmente bem as pesquisas sobre a eficácia terapêutica da performance, uma discussão que visa

entender a possibilidade de transformação fenomenológica no nível mais profundo do corpo, rejeitando uma divisão cartesiana de experiência, que separa o racional do emocional e do corporal.

Significado emergente: A noção de cultura é pensada como um processo social contínuo, em que “novos significados e valores, novas práticas, novos significantes e novas experiências estão sendo continuamente criados” (Williams, 1973: 11, apud Bauman, 1977: 48). O modo de expressar se localiza no centro de performance, não só no significado semântico ou referencial, como é o caso das análises da antropologia simbólica clássica. Como consequência, o conceito de performance implica na experiência imediata, emergente e estética.

Estas cinco qualidades são evidentes nos trabalhos de performance que incluí em minha discussão de Bauman e da abordagem norte-americana, e sugiro que estas sirvam como o ponto de partida para pensar a performance como um paradigma conceitual, apesar da diversidade de suas abordagens. Performance surge no final do século vinte, uma época marcada por uma reviravolta na antropologia influenciada pela condição crítica da teoria contemporânea, pela condição pós-moderna e pelo questionamento do status da cultura como conceito-chave na antropologia. A proposta de Bauman e seus colegas, tanto quanto as outras abordagens performáticas, oferecem contribuições ricas para o diálogo que a antropologia vem travando com outras disciplinas e também com nossos colaboradores na pesquisa de campo, de uma maneira que ressalta as negociações, a criatividade e a dinâmica da interação humana e atende às questões contemporâneas que tratam da experiência de estar no mundo.

Notas

¹ Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada na Mesa Redonda: Performance, Drama e Ritual – A Formação de um Campo e a Experiência Contemporânea, 31º Encontro Anual de ANPOCS, Caxambu, 2007.

² Em artigo posterior, pretendemos fazer uma revisão das produções destes núcleo, e por esse motivo não vamos tratar deles aqui. Veja Dawsey (1997, 2000, 2005); Muller (1998, 2000, 2005); Peirano (2001); Teixeira (1996, 1998) como exemplos das linhas de interesses dos núcleos, excluindo o da UFSC, que será explorado aqui.

- ³ Entre os poucos etnólogos no Brasil com interesses na sociolinguística, B. Franchetto tem pesquisada sobre a poética na oralidade dos índios Kuikuru (1989, 1993, 2000, 2003).
- ⁴ Na sua discussão sobre a abordagem performativa do rito, Tambiah (1985: 128) faz a distinção entre a análise cultural e a análise formal, distinção que se aproxima da que faço entre o conteúdo semântica e a experiência estimulado pelos mecanismos poéticos da performance.
- ⁵ Goffman (1959), em sua discussão clássica do conceito de performance, ignora a questão de conflito e sua análise presume que toda as performances sociais prespõem colaboração e consenso das regras de interação.

Bibliografia

- ABA. *25ª Reunião Brasileira de Antropologia: Programação*. Goiânia: Associação Brasileira de Antropologia, 2006.
- ANDRADE, Ugo Maia. "Um grande atrator: toré e articulação (inter) étnica entre os Tumbalalá do sertão baiano". *Cadernos do campo*, n. 10, 2002, p. 79-92.
- AUSTIN, John.L. *How to do things with words*. URMSON, J.O.; SBISÀ, Marina (orgs.). 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- BAKHTIN, M. M. *Rabelais and His World*. Tradução de H. Iswolsky. Cambridge: Ma., MIT Press, 1968.
- BAKHTIN, M. M. "The Problem of Speech Genres". In: EMERSON, C.; HOLQUIST, M. (orgs.). *Speech Genres and Other Late Essays*. Tradução de V. W. McGee. Austin: University of Austin Press, 1980, p. 60-102.
- BARBOSA, Wallace de Deus. *Pedra do encanto: dilemas culturais e disputas políticas entre os Kambiwá e os Pipiã*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/LACED, 2003.
- BASSO, Ellen. *A musical view of the universe: Kalapalo narratives and ritual performance*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1985.
- BASSO, Ellen. "Quoted dialogue in Kalapalo narrative discourse". In: SHERZER, J.; URBAN, G. (orgs.). *Native south american discourse*. New York: Mouton de Gruyter, 1986, p. 119-168.
- BATESON, Gregory. "Uma teoria sobre brincadeira e fantasia". In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Age, 1998 (1972). p. 57-69.
- BAUMAN, Richard. "Verbal art as performance". *American Anthropologist*, V. 7, n. 2, 1975, p. 290-311.
- BAUMAN, R. *Verbal Art as Performance*. Rowley, Mass: Newbury House Publishers, 1977.
- BAUMAN, R. "Language, identity, performance". *Art and the expression of complex identities: imagining and contesting ethnicity in performance*, Special Issue: Pragmatics. 10 (1): 1, 2000.
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. "Poetics and performance as critical perspectives on language and social life". *Annual Review of Anthropology*, V. 19, Bernard J. Siegel, Ed. Palo Alto, Annual Reviews, Inc, 1990.
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. *Voices of modernity: language ideologies and the politics of inequality*. New York: Cambridge University Press, 2003.

Esther Jean Landon

- BAUMAN, R.; J. Sherzer. *Explorations in the Ethnography of Speaking*. New York: Cambridge University Press, 1974.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- BLOCH, Maurice (ed.). *Political language and oratory in traditional society*. New York: Academic Press, 1975.
- BRIGGS, Charles L. "The pragmatics of proverb performances in New Mexican Spanish". *American Anthropologist*, n. 87, 1985, p. 793-810.
- BRIGGS, Charles. *Competence in Performance*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1988.
- BRIGGS, Charles. "The Politics of Discursive Authority in Research on the 'Invention of Tradition'". *Cultural Anthropology*, V. 11, n. 4, 1996, p. 435-469.
- BRIGGS, Charles L.; BAUMAN, Richard. "Genre, intertextuality and social power". *Journal of Linguistic Anthropology*, n. 2 (2), 1992, p. 131-172.
- BUSTOS BARRERA, Barbara Francisca. *Novas configurações rituais: O contexto sociopolítico da realização do Ngillatun entre os Mapuche de Trananman no sul do Chile*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Florianópolis: UFSC, 2006.
- CARDOSO, Vânia Z. "Presenças inesperadas: a performance nas brechas do cotidiano". Trabalho apresentado no GT Performance, Drama e Sociedade. 25º Reunião da ABA, Goiânia, 11-14 junho, 2006.
- CARDOSO, Vânia Z. "Estórias de outras vidas: narrativas de espíritos e a constituição do sujeito". Trabalho apresentado no GT Etnobiografia, Narrações e Subjetividade. I RAE/X ABANNE, Aracaju, 2007a.
- CARDOSO, Vânia Zikán. "Narrar o mundo: estórias do 'povo da rua' e a narração do imprevisível". *Mana*, V. 13, n. 2, 2007b, p. 317-345.
- CONKLIN, Beth. "Body paint, feathers, and videos: Aesthetics and authenticity in amazonian activism". *American Ethnologist*, V. 24, n. 4, 1997, p. 711-737.
- CORR, Rachel. "To throw the blessing: poetics, prayer, and performance in the Andes". *Journal of Latin American Anthropology*, V. 9, n. 2, 2004, p. 382-408.
- CSORDAS, T. "The Rhetoric of Transformation in Ritual Healing". *Culture, Medicine and Psychiatry*, n. 7, 1983, p. 333-375.
- CSORDAS, Thomas J. "Embodiment as a paradigm for anthropology". *Ethos*, V. 18, n. 1, 1990, pp. 5-47.
- DAWSEY, John C. "Nossa Senhora Aparecida e a Mulher Lobisomem: Benjamin, Brecht e o Teatro Dramático na Antropologia". *Ilha: Revista de Antropologia*, V. 2, n. 1, 2000, p. 85-103.
- DAWSEY, John C. "Victor Turner e Antropologia da experiência". *Cadernos de Campo*, n. 13, 2005, p. 163-176.
- DAWSEY, John C. 1997. *Caindo na cana com Marilyn Monroe: tempo, espaço, e Bóias-Frias*. *Revista de Antropologia*, V. 40, n. 1.
- Dutra, Patrícia Angélica. *Trajetoórias de Criação do Mamulengo do Prof. Benedito em Chão de Estrelas e Mais Além - Ato, Ritual, Arte e Cultura Popular*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFSC, 1998.
- EVERS, Larry; TOELKEN, Barre (ed.). *Native american oral traditions: Collaboration and interpretation*. Logan: Utah State University Press, 2001.
- FEREIRA, Mariana Leal. "Escrita e oralidade no parque indígena do Xingu: inserção na vida social e a percepção dos índios". *Revista de Antropologia*, n. 35, 1992, p. 91-112.
- FINE, Elizabeth. "Aesthetic patterning of verbal art and the performance-centered text". *Sociolinguistic Working Paper*, n. 74, September. Austin, Texas: Southwest

- Educational Development Laboratory, 1980.
- FISCHMAN, Fernando; HARTMANN, Luciana (orgs.). *Donos da palavra: autoria, performance e experiência em narrativas orais na América do Sul*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2007.
- FRANCHETTO, B. "Forma e significado na poética oral kuikúro". *Ameríndia*, n. 14, 1989, p. 81-118.
- FRANCHETTO, Bruna. "A Celebração da história nos discursos cerimoniais Kuikúro (Alto Xingu)". In: CASTRO, Viveiros de E.; CUNHA, M. C. da (orgs). *Amazônia: Etnologia e História Indígena*. São Paulo: NHII/USP/FAPESP, 1993, p. 97-116.
- FRANCHETTO, Bruna. "Rencontres rituelles dans le Haut Xingu: la parole du chef". In : BECQUELIN, Aurore Monod ; ERIKSON, Philippe (orgs). *Les Rituels du Dialogue. Promenades ethnolinguistiques en terres amérindiennes*. Nanterre: Société d'Ethnologie, 2000, p. 481-510.
- FRANCHETTO, Bruna. "As Artes da Palavra". CILLA Papers on Latin American Indigenous Languages. Web article, 2003. lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/cilla/franchetto.pdf
- GALLOIS, Dominique. "'Nossas falas duras'. Discurso político e auto-representação Waiãpi". In: ALBERT, B.; RAMOS, A. R. (orgs.). *Pacificando o Branco*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- GALLOIS, Dominique T.; CARELLI, Vincent. "'Índios eletrônicos': A rede indígena de comunicação". *Sexta Feira*, n. 2, ano 2, 1998, p. 26-31.
- GEERTZ, Clifford. "Mistura de gêneros: A reconfiguração do pensamento social". In: *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 33-56.
- GNERRE, Maurizio. "From headhunters to writers: A shuar myth and an oration". In: SAMMONS, Kay; SHERZER, Joel (orgs.). *Translating native latin american verbal art: Ethnopoetics and ethnography of speaking*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 2000, p. 197-210.
- GOFFMAN, E. *The presentation of self in everyday life*. New York, Anchor Books, 1959.
- GODENZZI, Juan Carlos. "The discourses of diversity: Language, ethnicity and interculturality in latin américa". In: *Cultural agency in the américas*. Durham, Duke University Press, 2006, p. 146-166.
- GOSSEN, Gary H. *Chamulas in the world of the sun: Time and space in a maya oral tradition*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1974.
- GRAHAM, Laura R. "A public sphere in Amazonia? The depersonalized collaborative construction of discourse in Xavante". *American Ethnologist*, V. 20, n. 4, 1993, p. 717-741.
- GRAHAM, Laura R. "How should an indian speak? Amazonian indians and the symbolic politics of language in the global public sphere. In: WARREN, Kay; JACKSON, Jean. (eds.). *Indigenous movements, self-representation and the state in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 2002.
- GRAHAM, Laura R. "Image and instrumentality in a Xavante politics of existential recognition: The public outreach work of Eténhiritipa Pimentel Barbosa". *American Ethnologist*, V. 32, n. 4, 2005, p. 622-641.
- GRÜNEWALD, R. de A. (org.). *Toré: regime encantado do índio do Nordeste*. Recife: Editora Massangana/FUNDAJ, 2005.
- HARTMANN, Luciana. "Oralidade, corpo e memória entre contadores e contadoras de causos gaúchos". *Horizontes Antropológicos*, Ano 5, n. 12, 1999, p. 267-278.
- HARTMANN, Luciana. *Oralidades, corpos, memórias - Performances de contadores e contadoras de causos da campanha do RS*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFSC, 2000.

- HARTMANN, Luciana. "Identidade, ambigüidade, conflito: as performances narrativas como estratégia de análise da cultura da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai". *Revista de Investigaciones Folclóricas*, V. 17. Buenos Aires: UBA, 2002, p. 114-122.
- HARTMANN, Luciana. "*Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento*" – tradições orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFSC, 2004.
- HARTMANN, Luciana. "Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai". *Horizontes Antropológicos*, Ano 11, n. 24, 2005, p. 125-154.
- HARTMANN, Luciana. "Palavras sem fronteira: Narrativas pessoais e performance entre Argentina, Brasil e Uruguai. *Revista Interseções*, Ano 8, n. 1, 2006, p. 95-116.
- HEAD, Scott. "Revelações da falsidade: pontes performáticas entro o 'jogo de dentro' e o 'mundo afora'". In: *Anais da XXX ANPOCS*. Caxambu: XXX ANPOCS, 2006.
- HEAD, Scott. "Re-velações etno-gráficas: uma luta dançada no campo da imagem". In: GONÇALVES, Marco Antônio; HEAD, Scott C. (Org.). *Devires imagéticos: Representações/apresentações de si e do outro*. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, no prelo.
- HENDRICKS, J.W. "Symbolic counter hegemony among the Ecuadorian Shuar". In: URBAN, Greg; SHERZER, J. (eds.). *Nation States and Indians in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 1991, p. 53-72.
- HERRON, J. "Estado corporizado: Notas para una etnografía discursiva del Estado". In: SOTOMAYOR, María Lucía (org.). *Modernidad, identidad y desarrollo*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología/Colciencias, 1998.
- HIRSCH, S. "Bilingualism, pan-indianism and politics in Northern Argentina. The Guaraní's struggle for identity and recognition". *Journal of Latin American Anthropology*, V. 8, n. 3, 2003, p. 84-103.
- HYMES, D. "Discovering oral performance and measured verse in American Indian narrative". In: *In vain I tried to tell you*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- JAKOBSON, Roman. "Closing statement: Linguistics and poetics". In: *Style in Language*. Cambridge, Mass.: M.I.T. Press, 1960.
- KROSKRITY, P.V. (ed.). *Regimes of language: Ideologies, politics, and identities*. Santa Fe: School of American Research Press, 2000.
- LADERMAN, Carol; ROSEMAN, Marina. *The performance of healing*. New York: Routledge, 1996.
- LANGDON, E. J. "Performance e preocupações pós-modernas em antropologia". In: TEIXEIRA, João Gabriel L.C. (org). *Performáticos, performance e sociedade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 23-29.
- LANGDON, E. J. "Textual interpretation in the Amazon". *American Anthropologist*, V. 39, n. 3, 1997, p. 10-11.
- LANGDON, E. J. "A fixação da narrativa: do mito para a poética da literatura oral". *Horizontes Antropológicos*, Ano 5, n. 12, 1999.
- LANGDON, E. J. *Etnográfica: Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*, Número especial, 2006, p. 33-34.
- LANGDON, E. J. "Dialogicidade, conflito e memória na etnohistória dos Siona". In: FISCHMAN, Fernando; HARTMANN, Luciana (orgs.) *Donos da palavra: autoria, performance e experiência em narrativas orais na América do Sul*. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2007a, p. 17-40.
- LANGDON, E. J. "Dialogicality, conflict and memory in Siona ethnohistory". In: BLAYER, Irene; FAGUNDES, Francisco C. (Org.). *Studies in oral and written narratives*

- and cultural identity: Interdisciplinary approaches*. New York: Peter Lang, 2007b, p. 98-116.
- LOPES, Antonio Herculano. "Um forrobodó da raça e da cultural". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, V. 21, n. 62, 2006, p. 69-84.
- LUCAS, Maria Elizabeth (org.). *Antropologia e Performance*. Número especial. *Horizontes Antropológicos*. Ano 11, n. 24, 2005.
- MACEDO, Ana Vera L. da S.; FARAGE, Nádia. "Construção de histórias, ensino de história: algumas propostas". In: *Práticas pedagógicas na escola indígena*. São Paulo: FAPESP, 2001.
- MALINOWSKI, B. "Coral Gardens and their magic. An ethnographic theory of language and some practical corollaries". In: *Coral Gardens and their magic*, Vol. II. New York: Dover Publications Inc, (1935) 1978, p. 4-78.
- MANNHEIM, B.; TEDLOCK, D. *The Dialogic Emergence of Culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1996.
- MCDOWELL, J. H. "Collaborative ethnopoetics: A view from the Sibundoy Valley". In: SAMMONS, Kay; SHERZER, Joel (orgs.). *Translating native Latin American verbal art: Ethnopoetics and ethnography of speaking*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 2000, p. 211-232.
- MORIN, F. "Les premiers congrès Shipibo-Conibo dans le context politique et religieus des années 60-70". *Journal de la Société des Américanistes*, LXXVIII-II, 1992, p. 95-112.
- MÜLLER, R. A. P. "Ritual, Schechner e performance". *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: Ano 11, n. 24, 2005, p. 67-85.
- MÜLLER, R. A. P. "Corpo e imagem em movimento: há um alma neste corpo". *Revista de Antropologia*, São Paulo, V. 43, n. 2, 2000, p. 165-193.
- MÜLLER, R. A. P. "O corpo em movimento e o espaço coreográfico: Antropologia estética e análise do discurso no estudo de representações sensíveis". In: NIEMEYER, A. M.; GODOI, E. P. (org.). *Além dos Territórios: um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. V. 1. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 271-286.
- NEVES, Rita de Cassia. *Dramas e Performance: O Processo de Reelaboração Étnica Xukuru nos Rituais, Festas e Conflitos*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFSC, 2005.
- OAKDALE, S. "The culture-conscious Brazilian Indian: Representing and reworking Indianness in Kayabi political discourse". *American Ethnologist* Vol. 31, No. 1, 2004, p. 60-75.
- OAKDALE, Suzanne. *I Forsee My Life: The Ritual Performance of Autobiography in an Amazonian Community*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2005.
- ORTNER, S.B. "Theory in anthropology since the sixties". In: NICHOLAS B., Dirks; ELEY, Geoff; ORTNER, Sherry B. (orgs.). *Culture, Power, History: A Reader in Contemporary Social Theory*. Princeton: University of Princeton Press, 1994, p. 372-411.
- PACHECO, Gustavo de Britto Freire. *Brincando de Cura. Um Estudo sobre a Pajelança Maranhense*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional/UF RJ, 2004.
- PEIRANO, Mariza (org.). *O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- PEIRANO, Mariza. "Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance". *Série Antropologia*. UnB, Brasília, 2006.
- PEREIRA, Edmundo. "Trabalhando de campo como prática dialógica: aprendendo a mambear com Don Ángel Ortiz". In: FRANKY-CALVO, Carlos E.; ZÁRATE-BOTÍA, Carlos G. (orgs.). *Imani Mundo: estudios en la amazonia colombiana*. Bogotá, Universi-

- dade Nacional de Colombia, Editorial UNIBIBLOS, 2001, p. 479-496.
- PELLEGRINI, Marcos Antônio. *Discursos Dialógicos: Intertextualidade e Ação Política na Performance e Autobiografia de um Intérprete Yanomami no Conselho Distrital de Saúde*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFSC, 2008.
- RAMOS, Alcida. Indian voices: contact expressed and experienced. In: HILL, Jonathan (org.) *Rethinking History and Myth. Indigenous South American Perspectives on the Past*. Urbana: University of Illinois Press, 1988.
- SAMMONS, Kay; SHERZER, Joel (orgs.) *Translating Native Latin American Verbal Art: Ethnopoetics and Ethnography of Speaking*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 2000.
- SCHECHNER, R.. *Between Theater and Anthropology*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1985.
- SCHECHNER, R. *Victor Turner's Last Adventure*. In TURNER, Victor. *The Anthropology of Performance*. 2a. ed. New York: P. A. J. Publications, 1992, p. 7-20.
- SCHECHNER, R.. *Performance Theory*. New York e London: Routledge, 1988.
- SCHECHNER, R. *The Future of Ritual*. London e New York: Routledge, 1993.
- SCHECHNER, R.. *Performance Studies: An Introduction*. London e New York: Routledge, 2002.
- SCHIEFFELIN, Ed.. "Performance and the Cultural Construction of Reality". *American Ethnologist*. 12(4), 1985, p. 707-24.
- SHERZER, J. "Poetic Structuring of Kuna Discourse: the line". *Language in Society*, 11, 1982, p. 371-390.
- SHERZER, J. *Verbal Art in San Blas: Kuna Culture through its Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SHERZER, J. e A.C. Woodbury. *Native American Discourse: Poetics and Rhetoric*, Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SILVA, Rita de Cácia Oenning da. *Superar no Movimento: Etnografia das Performances de Pirráias em Recife e Mais Além*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFSC, 2008.
- SINGER, M.. *When a Great Tradition Modernizes*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.
- SPAOLENSE, Marcelo Barbosa. "Uma Tradição" em Performance: Corporalidade, Expressividade e Intercontextualidade num Rito de Iniciação Social Entre os Xavante de Sangradouro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFSC, 2006.
- SULLIVAN, Lawrence E. Sound and Senses: Toward a Hermeneutics of Performance. *History of Religions*. Chicago: University of Chicago, 26(1), 1986, p. 1-33.
- SZEMINSKI, J. "Formas de diálogo intercultural". In: ESTÉVEZ, Manuel Gutiérrez (compilador). *Identidades étnicas*. Madrid, Casa de America, 1997, p. 119-132.
- TAMBIAH, S. *Culture, Thought and Social Action*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- TAMBIAH, Stanley J. *Leveling Crowds: Ethnonationalist conflicts and collective violence in South Asia*. Berkeley: University of California Press, 1996.
- TEDLOCK, D.. On the Translation of Style in Oral Narrative. In PAREDES, Americo; BAUMAN, Richard (eds.) *Toward New Perspectives in Folklore*. Austin: University of Texas Press, 1972.
- TEDLOCK, D. *The Spoken Word and the Work of Interpretation*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1983a..
- TEDLOCK, D. "Ethnography as Interaction: The Storyteller, the Audience, the Fieldworker, and the Machine". In: *The Spoken Word and the Work of Interpretation*

- Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1983b, p. 285-301.
- TEDLOCK, D. "A Tradição Analógica e o Surgimento de uma Antropologia Dialógica". *Anuário Antropológico* 85. Rio, Edições Tempo Brasileiro, 1986.s
- TEIXEIRA, J.G.L.C. "O Campo da Performance no Brasil". In: TEIXEIRA, J.G.L.C. (org). *Performáticos, performance e Sociedade*. Brasília: Editora UnB, 1996.
- TEIXEIRA, J.G.L.C. "Análise Dramatúrgica e Teoria Sociológica". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 37, 1998.
- TINOCO, S.L.da S.M. "Aprendendo novas formas de representação política: as interrelações entre cursos de formação de professores Waiãpi e o Conselho APINA". *Cadernos de Campo*. 10, 2000, p. 87-96.
- TURNER, V. *From Ritual to Theatre*. New York: PAJ Publications, 1982.
- TURNER, V. *The Anthropology of Performance*. New York, P. A. J. Publications, 1988.
- TURNER, Victor. "Dewey, Dilthey e Drama: Um ensaio em Antropologia da Experiência" (primeira parte). *From Anthropologia of Experience*. Tradução de Herbert Rodrigues. *Cadernos de Campo* 13, 2005, p. 177-185.
- TURNER, Terence. "De Cosmologia a História: Resistência, Adaptação e Consciência Social entre os Kayapó". In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CARNEIRO DA CUNHA Manuela (orgs.) *Amazônia: Etnologia e História Indígena*. São Paulo: NHII/USP/FAPESP, 1993.
- TURNER, T. "Imagens desafiantes: a apropriação Kaiapó do vídeo". *Revista de Antropologia*, 36, 1994, p. 81-122.
- TURNER, T. Representation, Polyphony, and the Construction of Power in a Kayapó Video. In: WARREN, Kay; JACKSON Jean (eds.). *Indigenous Movements, Self-Representation and the State in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 2002.
- WAWZYNIAK, Sidinalva Maria dos Santos. *Labirinto Encantado: um estudo antropológico sobre as práticas sociais das equipes de baloeiros na cidade de Curitiba*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). UFSC. 1995.